



Uma pneumatologia para a nossa pastoral: Mística e ação na modernidade inspirada na história antiga da Igreja

A pneumatology for our pastoral: Mysticism and
action in modernity inspired by the ancient history
of the Church

*Douglas Pinheiro Lima**

Recebido em: 12/06/2019. Aceito em: 13/11/2019.

Resumo: *A Igreja na América Latina é caracterizada por sua versatilidade pastoral e crescente preocupação em acompanhar as rápidas mudanças da modernidade oferecendo respostas à evangelização em tais circunstâncias. Todavia, é necessário que essa versatilidade não seja apenas uma adaptação eclesial a uma mentalidade imediatista não evangélica. A produção de resultados pastorais deve motivar-se por uma mística inspiradora e libertadora, e não por metas a serem quase que empresarialmente batidas. Ainda que o homem moderno seja o foco da evangelização, não será ele nosso motivador, e sim Cristo que nos impele e modera pela efusão do Espírito Santo desde os primórdios da Igreja.*

Palavras-chave: *Pastoral. Modernidade. Espírito Santo.*

Abstract: *The Church in the Latin America is characterized by its pastoral versatility increasing worry about follow the quick changes of the Modernity offering answers to the evangelization in such circumstances. However, is necessary that this versatility do not be just an ecclesial adaptation to na immediate mind unevangelical. The production of pastoral results must be motivated by a inspiring and liberating mystical, no by business goals to be fulfilled. Although that the modern man be the focus of the evangelization, he won't be our motivator, but Christ releases and moderates us by the pouring of the Holy Spirit since the Church's beginning.*

Keyword: *Pastoral. Modernity. Holy Spirit,*

* Mestrado em andamento em Teologia (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP). Graduado em Filosofia (Centro Universitário Assunção, UNIFAI, São Paulo, 2007). Graduado em Teologia (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP, 2011). Especializado em Doutrina Social da Igreja (Faculdade Dehoniana, Taubaté, 2013). E-mail: padredouglaspl@ig.com.br



Introdução

Não são poucos os desafios que se apresentam diante do agir pastoral de nossos dias, assim como também não são em menor número as manifestações do Magistério sobre tais situações, tanto em nosso país como na América Latina. Uma sociedade plural como a nossa exige dos agentes de pastoral cada vez maior perspicácia e criatividade nas estratégias de abordagem ao homem moderno.

Um sem número de problemas se antepõe a nossa missão de tal maneira que os mais comprometidos com o Reino de Deus chegam a passar tempos de angústia indescritível com a sensação de impotência que os assola diante dessas situações.

O campo de ação é tão vasto e a quantidade de desafios é tão alto que nos causa certa “vertigem pastoral”. Não deve ser pequeno o número dos que se sentem impotentes diante desta demanda, a ponto de desanimarem na consecução de uma tarefa hercúlea. Aqui entra um fator a se considerar com atenção. O desespero é certamente um vício contrário à virtude da esperança cristã, que crê no auxílio da graça de Deus diante de todos os desafios.

Vivemos numa sociedade acelerada pela mentalidade ativista, tecnológica e científica, ávida por resultados em curto prazo. Quando da falta dos mesmos, a sensação de fracasso e incapacidade na competitividade de mercado é eminente. Podemos correr o risco do esquecimento de termos muito trabalho a fazer, mas não para gerar resultados quantificáveis.

Longe de querer desmerecer as urgências pastorais enquanto tais, é necessário que nos perguntemos quais as reais motivações que nos conduzem à obtenção de resultados em prazos cada vez mais curtos. Buscamos produzir resultados na missão evangelizadora e na pastoral eclesial. Questionamo-nos se os resultados estão à altura de nossas expectativas humanas ou surgem de acordo com a vontade de Deus

Propomos no presente artigo refletir acerca da possibilidade de não nos termos tornado produtores de textos, diretrizes, planos e documentos e, com isso, não nos estamos iludindo a pensar que tanta organização estrutural nos garante o sucesso da missão. Muita letra e pouco Espírito¹. Somos o Corpo do Senhor: visível e estruturado sim, pois o mundo não crê no que não se vê; mas com uma propulsão sobrenatural da graça e do Espírito.

¹ Cf. II Cor 3,3ss.



1 Os primeiros cristãos conduzidos pelo Espírito Santo

A medida da fidelidade à voz do Espírito Santo está na capacidade de reproduzir todos os programas, planos estruturar os demais aspectos organizativos da dinâmica eclesial de acordo com as suas inspirações. Segundo a promessa de Cristo em Jo 16,8-13, o Espírito é quem nos diria o que fazer quanto a Verdade; o mundo seria convencido do pecado; a justiça seria instaurada por ele, e não construída apenas por nós como tantos teólogos tem dado a entender. É função do Espírito Santo nos fazer testemunhas eficazes de Jesus². Todo bom agente de pastoral se empolga e ao mesmo tempo sente-se intrigado com a facilidade com que ocorriam os feitos apostólicos nas páginas do livro dos Atos.

Com um único discurso Pedro pode trazer ao batismo três mil homens na manhã de Pentecostes (At 2,41), e bastou narrar de forma simples os fatos do mistério pascal na casa de Cornélio para que o Espírito Santo viesse sobre todos os presentes e os convencesse a aderir a Fé (At 10,44-48). Já nós, pregamos retiros, damos formações, fazemos homilias e reflexões diversas, estamos na TV, nas rádios e nas redes sociais; E já nos é de grande contento chegar a descobrir que pudemos tocar o coração de pelo menos uma dúzia de pessoas.

Derramamentos espontâneos do Espírito moviam as primeiras comunidades que, sob o entusiasmo de Pentecostes, orientavam cada passo da evangelização e do pastoreio ouvindo sua voz com naturalidade e obediência.

Conhecemos bem o caso da conversão do etíope ministro da rainha Candace narrado em At 8,26-40. Filipe apenas realizava as ordens que lhe dava o Espírito Santo no processo de releitura do texto de Isaías 53 que estava nas mãos do etíope. Foi o Espírito quem lhe deu a estratégia necessária para lhe demonstrar como as Escrituras se referiam a Jesus. São nítidas ações protagonizadas pelo Espírito enquanto pessoa real junto a Filipe: “Disse então o Espírito a Filipe: Adianta-te e aproxima-te da carruagem”³. E quando o etíope já havia recebido o batismo ali a beira do caminho, o mesmo Espírito o arrebatou levando-o a Azot para continuar sua pregação⁴.

² Cf. At 1,8.

³ Cf. At 8,29.

⁴ Cf. At 8,39.



Entretanto, o Espírito não movia a Igreja apenas por meio de inspirações como essas. Ele também a fazia verificar as realidades ao redor para que, com base nelas, tomassem decisões e atitudes. Um exemplo foi a eleição dos primeiros diáconos para o serviço das mesas, descrita no capítulo seis de Atos. Mesmo tais atitudes, porém, não prescindiam da oração como veículo de confiança na graça divina. A escolha dos diáconos também considerou como critério o fato de serem homens repletos do Espírito Santo⁵.

Dentre os sete diáconos eleitos se destaca no texto o protomártir Estevão, cujo nome ao ser mencionado no versículo que lista os escolhidos é o único a que se dá novamente a ênfase de ser “homem cheio de fé e do Espírito Santo”. O autor sagrado certamente o faz para justificar donde provém a capacidade de Estevão e dar tamanho testemunho de pregação e oferta da própria vida nos versículos que se seguem no texto narrando sua prisão, pregação e martírio.

Além destes exemplos, sabemos que em termos de organização hierárquica a igreja nascente dos primeiros decênios não possuía as características que possui hoje. Já encontramos Inácio de Antioquia no segundo século se referindo a organização das igrejas em torno do bispo com seus diáconos e seu presbitério⁶. Todavia, sabe-se da existência de postos eclesiais que possuíam certa autoridade e funções bem relevantes em algumas das primeiras comunidades. Paulo se refere a tais funções na carta aos efésios, dizendo que Cristo “a uns constituiu apóstolos; a outros, profetas; a outros evangelistas, pastores, doutores”⁷.

2 A chamada “ordem dos profetas” da igreja primitiva

Temos exemplos de como se dava a função dos mencionados “profetas”. Diversas vezes eles surgem nos Atos dos Apóstolos como pessoas que trazem mensagens, advertências e avisos da parte do Espírito Santo para a comunidade, para os fiéis e para os apóstolos. Um profeta

⁵ Cf. At 6,2.

⁶ Cf. INÁCIO DE ANTIOQUIA aos Magnésios cap. 6, v.1: [...] estejais dispostos a fazer todas as coisas na concórdia de Deus, sob a presidência do bispo, que ocupa o lugar de Deus, dos presbíteros, que representam o colégio dos apóstolos, e dos diáconos [...].

⁷ Cf. Ef 4,11.



chamado Agabo é o mais mencionado dentre o grupo dos profetas⁸. Ele previu um período de grande fome que viria sobre a terra⁹ e também a prisão de Paulo em Jerusalém¹⁰. Segundo o texto, também o diácono Filipe possuía quatro filhas que profetizavam¹¹.

Mesmo os apóstolos possuíam a docilidade ao Espírito, capaz de identificar a sua vontade para a Igreja que também se revela nos argumentos e nas experiências de cada irmão. Na reunião de Jerusalém feita para resolver o problema da circuncisão ou não dos gentios convertidos a Cristo, as conclusões ali tiradas foram consideradas um parecer do Espírito Santo para a Igreja¹². E tantas outras narrativas ao lado desta demonstram como os fiéis estavam sempre atentos para não permitir que suas ações eclesiais não fossem caprichos seus, mas sim fruto de uma escuta atenta ao Espírito. Verdadeiramente o Espírito Santo surge após a experiência de Pentecostes não mais como uma força que age sobre o homem, tal como se compreendia no antigo testamento.

O Espírito Santo na comunidade cristã primitiva aparece com qualidades nitidamente pessoais. Ele se revela não mais como “algo”, mas como “alguém”. O Espírito “fala” quem são os que ele quer para uma missão (At 13,2), “proíbe” de irem a lugares antes planejados (At 16,7), “manda” ir a lugares que não estavam nos planos (At 11,12). Viver numa comunidade onde há tal Pessoa e planejar as ações dos fiéis exige a consciência clara de nada se fazer sem antes consultá-la. E é esta pessoa, o Espírito Santo, quem possui a presidência e a prerrogativa sobre o pastoreio e a missão evangelizadora da comunidade.

A Igreja existe em função de cumprir o querer de Cristo no Espírito Santo, e a sua vontade sempre prevalecerá. A exemplo do que ocorreu com Ananias e Safira que quiseram omitir uma parte de sua oferta para a Igreja e acabaram mortos, assim também deve estar claro a todos os cristãos que o Espírito Santo não se deixa enganar e nem tampouco vencer.

Aos que querem realizar seus próprios planos em detrimento de saber o que deseja o Espírito, cabe a pergunta feita por Pedro a Safira:

⁸ Cf. At 11,27.

⁹ Cf. At 11,28.

¹⁰ Cf. At 21,10-11.

¹¹ Cf. At 21,9.

¹² Cf. At 15,28.



“Por que combinastes para colocar a prova o Espírito do Senhor?” (At 5,9a). Nem mesmo nossos discursos perante os homens, segundo Jesus, deveriam ser premeditados uma vez que o Espírito Santo é quem deverá falar em nós (Mt 10,10).

2.1 O cuidado necessário com os desvios e desvarios

Afirmações como a apresentada em Mt 10 e releituras dos trechos aqui mencionados dos Atos dos apóstolos levaram, por outro lado, diversos grupos de cristãos a desvios consideráveis na forma de agir no mundo sob uma suposta inspiração do Espírito de Deus. Esse é outro lado da moeda que também deve ser considerado na história da pneumatologia. Nem tudo se desenvolveu sem dificuldades no relacionamento entre a ação pastoral da Igreja e as inspirações do Espírito Santo. Não que uma se oponha a outra. Isso de forma alguma.

O ser humano, porém, marcado pela concupiscência e por suas diversas limitações, não tardaria na história do cristianismo a encontrar fragilidades no seu relacionamento com o Espírito Santo. Assim surgiram os problemas pastorais no uso de carismas, problemas enfrentados por Paulo na primeira carta canônica aos coríntios na qual dedica o que hoje equivale a três capítulos para o assunto (capítulos 12,13 e 14)¹³. Mais tarde a Igreja assistiria (em torno de 150 d.C.) o surgimento dos montanistas na Ásia menor com sua pretensão de serem governados exclusivamente por profecias e revelações privadas¹⁴. Embora nunca tenha existido problemas quanto à existência e veracidade deste tipo de ação divina, problemas quanto ao uso e aplicação destes fenômenos sempre significou um desafio para os Pastores de todas as épocas.

¹³ O teor destes três capítulos é evidentemente exortativo. O uso dos dons carismáticos vinha causando transtornos à comunhão (o que justifica a alegoria paulina de igreja “corpo” de Cristo do capítulo 12, para fomentar unidade e mútua cooperação), à prática autêntica da caridade (o que justifica o capítulo 13 tratando da caridade como dom supremo) e à ordem litúrgica (o que justifica as normas bastante pragmáticas dadas por Paulo no capítulo 14 quanto ao uso de línguas e profecia nas reuniões).

¹⁴ Sobre Montano, Eusébio de Cesareia diz: *era um possesso, em falso êxtase, pôs-se a falar em seus excessos, a proferir palavras estranhas e a profetizar de forma inteiramente oposta ao uso tradicional conservado pela tradição da Igreja.* Cf. EUSÉBIO DE CESARÉIA. *História Eclesiástica*, 2000. p. 254.



2.2 As consequências pastorais de tais tensões na estrutura da Igreja e nas comunidades eclesiais

Na seção anterior de nossa reflexão abordamos a questão dos transtornos em Corinto e desvarios dos montanistas. Estes são apenas exemplos de que a ordem hierárquica na Igreja e a docilidade a moções espirituais sempre enfrentaram tensões. Os que tendem a defender mais o rigor disciplinar no seguimento dos planejamentos eclesiais de pastoral acabam por imaginar que grupos, movimentos ou comunidades de acentos espirituais estão inclinados à desunião com os demais na Igreja. Seriam, segundo estes, inclinados ao misticismo, à alienação, às emoções, à desobediência, a pensarem-se mais santos e a se considerarem uma super-igreja melhorada pelo Espírito Santo.

O mesmo se aplicará às comunidades que se reúnem livremente para a leitura e estudo da aplicabilidade da Palavra na realidade como, por exemplo, as comunidades de base. Tais comunidades de base, os movimentos eclesiais de cunho mais espiritual; ainda que pareçam se distinguir nas matrizes pneumatológicas, possuem a mesma dinâmica de espontaneidade em sua organização¹⁵.

O contrário também é verdade. Os que tendem a defender a inspiração de Deus e a escuta ao Espírito Santo por meio de iniciativas espirituais como fundamento para qualquer ação eclesial; tais pessoas se sentem tentadas a enxergar a hierarquia e os planos de pastoral como gaiolas para o Espírito empecilhos para a liberdade da ação de Deus na vida do seu povo.

Esses dois eixos de dinâmica na Igreja são chamados de Instituição e Carisma. Não se chama apenas uma ou outra de Igreja. Ambas são partes constituintes de uma e mesma Igreja. Ela não é apenas uma instituição, pois isso a tornaria uma mera agremiação de pessoas, ou uma simples iniciativa humana. Não somos um partido, um grêmio ou uma associação. Somos a assembleia convocada pelo Espírito Santo, a assembleia chamada por Cristo. Eis o que se diz em todo início de liturgia: “Bendito seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo”. Não nos reunimos aqui ou ali, neste lugar ou naquele. Não nos reunimos em algo, mas em alguém. Em Cristo é que estamos congregados.

¹⁵ Quanto às pressões da instituição eclesiástica sobre o livre pensamento teológico tratou-se na obra LIBANIO, J. B. *Cenários da Igreja*, p.17.



Não é apenas através dos sacramentos e dos ministérios que o Espírito Santo santifica e conduz o Povo de Deus e o orna de virtudes, mas repartindo seus dons a cada um como lhe apraz (ICor 12,11), distribui entre os fiéis de qualquer classe mesmo graças especiais. Por elas os torna aptos e prontos a tomarem sobre si os vários trabalhos e ofícios, que contribuem para a renovação e maior incremento da Igreja.¹⁶

Por outro lado, não somos uma realidade etérea e sem visibilidade. Não somos uma assembleia entregue à mercê das emoções e sem qualquer organização visível. A institucionalidade da Igreja tem a função de articular os aspectos espirituais e carismáticos da Igreja num organismo coeso, uma vez que somos humanos vivendo junto a outras pessoas tão humanas como nós. Pessoas antropologicamente se organizam em instituições visíveis às quais os outros possam referir-se. Assim desejou Cristo que os sucessores dos apóstolos, isto é, os bispos, fossem em sua Igreja Pastores até a consumação dos séculos¹⁷.

2.3 Convergências entre estruturas hierárquicas e conjunturas pneumatológicas: o perigo das rotulações indevidas

Essa convergência entre ambos os aspectos eclesiológicos foi clarificada pelo Concílio Vaticano II em sua Constituição Dogmática *Lumen Gentium*. A Igreja é sim um organismo visível e institucional por meio do qual a graça e a Verdade são difundidas entre todos os povos. Mas este organismo vivo e social existe para servir ao Espírito Santo que, por sua vez, o vivifica e faz crescer em número e santidade.¹⁸ Os diversos carismas, as diversas moções espirituais dadas por Deus à Igreja devem ser acolhidas com gratidão por aqueles membros que os recebem.

Não se tratam, contudo, de grupos ou facções dentro da Igreja. Não se pode tomar termos como “hierárquico” ou “institucional”, “espiritual” ou “carismático” e aplicá-los de forma a rotular segmentos eclesiais. Embora isso exista, não parece ser de todo apropriado. Um uso assim desses termos acaba por desvirtuar o conceito real de cada uma dessas expressões que se referem mais a aspectos eclesiais do que círculos sociológicos ou agrupamentos no interior da Igreja.

¹⁶ *LUMEN GENTIUM*, 12.

¹⁷ LG, 18.

¹⁸ *Ibidem*, 8.



Não se pode de maneira tão simplista afirmar que isto é hierárquico e aquilo é espiritual, ou que este comportamento é carismático e aquele é institucional. O papa Pio XII já alertava na encíclica *Mystici Corporis* que a Igreja, enquanto corpo é uma realidade visível aos olhos (citando a *Satis Cognitum* de Leão XII), mas que nela também se encontram graças especiais para sua salubridade.

Não se julgue, porém, que está bem ordenada e “orgânica” estrutura do corpo da Igreja se limita unicamente aos graus da hierarquia; ou, ao contrário, como pretende outra opinião, consta unicamente de carismáticos, isto é, dos fieis enriquecidos de graus extraordinários, que nunca hão de faltar na Igreja.¹⁹

Vemos em muitos casos pessoas convictas de que uma diferenciação como essa é salutar para a vida pastoral da Igreja e para sua missão evangelizadora. No entanto, é exatamente essa dicotomia de conceitos uma das responsáveis pela ineficiência de muitas iniciativas pastorais e missionárias.

A verificação eclesiológica de Rahner a esse respeito vem a calhar:

There is, therefore, a driving force for the further development of life in the Church which does not originate from the official element but directly from Christ himself, a law of life which goes out from Christ in a mysterious way in his own person and embraces the saints who hold no office and through them affects the others and the official element. Hence, there is (as Pius XII shows) a double structure in the organic construction of the Body of the Christ: that of the grace of the hierarchy and that of the charismatics, just as in a biological organism there is not merely one structure but several, which condition each other in a mysterious way. The official element lives also by the charisms of the saints, although it remains true that the saints remains subject to the official element (understood as doctrine and government). [...] Naturally, the holder of an office and the charismatic can also be united in the one person.²⁰

¹⁹ PIO XII. Carta encíclica *Mystici Corporis*, 1943. n. 16.

²⁰ RAHNER, Karl. *Theological Investigations*. 1967. p. 104. Tradução livre: “Existe, portanto, uma força motora em prol do maior desenvolvimento da vida na Igreja que não se origina do elemento oficial, mas diretamente de Cristo mesmo, uma lei de vida que sai de Cristo de forma misteriosa em sua própria pessoa e abraça os santos que não se apoiam na oficialidade, seus afetos, os demais ao redor e o elemento oficial. Há, portanto, (como mostrou Pio XII) uma dupla estrutura na construção orgânica do Corpo de Cristo: a graça da hierarquia e a dos carismáticos, exatamente como num organismo biológico no qual não há simplesmente uma estrutura, mas várias, cujas



Os atos de um cristão devem ser simultaneamente: *orientados e inspirados*. Orientados pela Revelação contida na Escritura, no Magistério com seus planos e documentos e na Tradição com seu arcabouço de experiências vividas numa Igreja que não está começando agora a partir de nossas estratégias bem elaboradas. Mas também inspirados pelo Espírito de Deus que nos auxilia a selecionar as prioridades, que nos mostra por onde começar e por onde continuar, em que insistir e a que cessar.

O Espírito que inspira na elaboração dos planos e documentos não pode ser deixado de fora na execução dos mesmos. Não se deve considerar o Espírito uma presença pressuposta de tal forma a nos furtarmos de invocá-lo. De fato ele é sempre presença nos que são batizados, mas a invocação insistente de sua presença nos impedirá de esquecermos que ele é o verdadeiro protagonista da evangelização. Era o que dizia João Paulo II em 1998 na sua série de catequeses sobre o Espírito Santo: “... a Igreja, no momento mesmo em que nasce, recebe como Dom do Espírito a capacidade de anunciar as maravilhas de Deus (At 2,11): é o dom de evangelizar.”²¹

Nada do que consta em nossos planejamentos deve ser feito sem que o Espírito seja consultado. Isso mesmo. Consultado! É preciso nutrir a convicção firme de que o Espírito de Deus se comunica conosco para nos guiar na empreitada do Reino.

As necessidades pastorais e evangelizadoras são tão numerosas e extensas que sem ouvirmos a Deus não saberemos sequer por onde começar e de que forma atender aos apelos da Igreja contidos nas diversas diretrizes. Se os documentos contêm a resposta sobre *o que* fazer, só o Espírito Santo nos dirá *como* executar.

Considerações finais: Vias de consulta ao Espírito

Se se deseja tratar de urgências pastorais, vale a pena não deixar de lado as urgências na pastoral, dentre elas o de não se dar por óbvio aquilo que eventualmente já não é tão evidente. Refiro-me aos meios de escuta

condições de cada um são misteriosas. O elemento oficial vive também dos carismas dos santos, apesar de estes permanecerem submissos ao elemento oficial (entendido como a doutrina e o governo). Naturalmente que a oficialidade e o carisma podem estar unidos numa única pessoa”.

²¹ JOAO PAULO II In. AQUINO, Felipe (org.). *O Espírito Santo, papa João Paulo II: 34 catequeses sobre o Espírito Santo*, 2003. p. 30. Esta referência é da catequese de 4 de julho de 1998.



espiritual. Reuniões e assembleias são executadas a esmo com orações iniciais e finais feitas como que para dar “molduras de sacralidade” ao evento que, bem da verdade, será o recolhimento das nossas ideias, das nossas impressões e dos nossos pontos de vista. Mas, e os de Cristo? E o que Ele deseja? Cristo é a Palavra que nos avisou que ainda teria muitas coisas a dizer, e o faria pelo Espírito.²²

Urge o retorno da mística nos atos eclesiais pastorais que possibilite resgatar os veículos de escuta da mera esfera da espiritualidade privada para a coletividade cristã. Meios como a *lectio divina*, a partilha bíblica que tanto orientou ações nas comunidades eclesiais de base e a atenção as alocações interiores (que podem gerar até mesmo a própria profecia carismática primitiva), deveriam ser considerados como ferramentas ao lado dos instrumentos materiais dos quais lançamos mão: documentos e diretrizes.

A agência de pastoral tem muito a ganhar dedicando maior porcentagem de suas reuniões a crer que uma leitura orante da Escritura pode trazer mais luzes à ação evangelizadora do que horas de debates. Não é perda insólita de tempo ouvir o que o Espírito pode dizer através de percepções inspiradas motivadas pelo texto sagrado. O silêncio e, nele, a consideração aos aquecimentos do coração diante da necessidade de se dar uma resposta prática a determinado desafio; nisso se poderá ouvir o Espírito que não fala pelos sentidos auditivos, embora o pudesse fazer.

O Espírito fala às potencialidades da alma (memória, vontade, intelecção) fazendo surgir claramente em todas elas impulsos, imagens, desejos, palavras e impressões que até então ali não estavam. Mas na reunião comum sob a invocação do Espírito tais insurreições surgem como algo que parece estar “vindo de fora”, isto é, que vem de um “Outro” que não eu. Quem vem de Deus mesmo.

Será que nos tornamos cristãos tão sofisticados na pastoral, racionalistas na teologia a ponto de já não cremos mais nestas singelezas divinas? E se cremos, cremos na medida suficiente para às aplicarmos e darmos-lhes largas em proporções sócio comunitárias, ao invés de apenas as mesmas como consolações pessoais na privacidade da oração? Pensamos que o desafio tem sido por muitas vezes o de não temermos nossa identidade própria diante da modernidade e não nos envergonharmos daqueles que realmente são nossos métodos desde os primórdios da Fé.

²² Cf. Jo 16, 12-13.



Certa parcela de profissionalismo é bem-vinda. De administração e contabilidade, igualmente o serão. De recursos quanto a gerir pessoas em um *knowhow* empresarial, vale a pena lançar mão também. Conhecimentos humanos são igualmente dádivas divinas. Mas não serão esses os nossos diferenciais eclesiais. É preciso não se intimidar em crer que sim, temos profecias; sim, Deus nos disse outra coisa em nossa reunião. Faremos isto e não mais aquilo; pareceu melhor a nós e ao Espírito Santo que estas serão nossas prioridades. Assim deixamos evidente a nós mesmos e à sociedade que não somos um corpo ensimesmado, mas que somos o Corpo de alguém, que é Cristo.

Referências bibliográficas

AQUINO, Felipe (org.). *O Espírito Santo – papa João Paulo II: 34 catequeses sobre o Espírito Santo*. São Paulo: Cléofas, 2003.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. *Vida Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA LUMEN GENTIUM SOBRE A IGREJA (LG).

EUSÉBIO DE CESARÉIA. *História Eclesiástica*. São Paulo: Paulus, 2000.

HAWTHORNE, G. F; MARTIN, R. P & REID, D. G (orgs.). *Dicionário de Paulo e suas cartas*. São Paulo: Paulus; Loyola; Vida Nova, 2008.

LIBANIO, João Batista. *Cenários da Igreja*. São Paulo: Loyola, 1999.

PIO XII. *Carta encíclica Mystici Corporis*. São Paulo: Edições Paulinas, 1943.

RAHNER, Karl. *Theological Investigations*. London: Darton, Longman & Todd, 1967.